



MATOS, Odilon Nogueira. Campinas e a Venda Grande.  
Correio Popular, Campinas, 19 abr. 1973.

A área urbana de Campinas, na direção da Estrada dos Amarais, já atingiu o local outrora denominado Venda Grande, sítio onde, a 7 de junho de 1842, as tropas imperiais infligiram a derrota final aos revoltosos do movimento que, naquele ano, eclodiu na província de São Paulo, sob a chefia do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

O ponto preciso onde, na ocasião, existia velho sobrado (do qual parece ter-se originado o nome do local), sito nas proximidades de pequena lagoa, deverá constituir, quando as obras de urbanização estiverem concluídas, pequena praça, tendo ao centro o marco mandado erigir, em 1956, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes. Todavia, sem desmerecer a iniciativa da prestigiosa entidade campineira, convém que a inscrição do referido marco seja complementada com mais alguns dizeres, para esclarecimento dos que visitarem o local. Com efeito, no marco lê-se apenas isto: "Combate de Venda Grande — 7-6-1842". E embaixo: "Homenagem do Departamento de História do C.C.L.A." Dificilmente alguém não familiarizado com as siglas campineiras decifrará tal inscrição, a qual, além do mais, nada esclarece quanto ao significado histórico da localidade. Mas, já é alguma coisa, pois sem isto ter-se-ia perdido a memória de um acontecimento tão vinculado às tradições da cidade e do qual, durante algum tempo, Campinas muito se vangloriou.

O episódio de Venda Grande tem sido relatado, com maior ou menor abundância de particularidades, por todos os que tem se ocupado do movimento de 1842: João Batista de Moraes, Amador Florence, Vilhena de Moraes, Aluísio de Almeida, Jolumá Brito, Celso Maria de Melo Pupo. Este último, em seu precioso livro sobre Campinas, dedica extenso capítulo ao assunto, além de já o ter tratado em outros trabalhos anteriores. De sua obra transcreveremos o seguinte trecho, que situa bem o importante incidente, no qual perdeu a vida, entre outros, Boaventura do Amaral, o bravo chefe liberal, cujo nome a municipalidade campineira perpetuou numa das ruas da cidade:

"Venda Grande tem sido para Campinas uma tradição estremeçada; os antigos a ela se referiam com veneração, cultivando sua memória como a de um ato meritório, caro e merecedor de uma lembrança que se perpetuasse, que se transmitisse às gerações vindouras. Ouvimos na meninice a repetição de sua história, o sacrifício das vítimas imoladas, nomes dos que ali morreram, dos que, prisioneiros, desceram para Santos desfilando pela sua rua de Santo Antonio com destino ao cais de onde os navios os levaram para julgamento na Corte. Campinas viveu, através de gerações, o embaite traumático de um movimento armado idealista que se extinguiu tristemente para os elementos locais, vencidos e vencedores; a anistia de 1843 e o retorno dos revolucionários aos seus lares não apagou o luto da gente campinense que o conservou em tradição familiar"

E adiante, transcrevendo, ainda, de Celso Maria de Melo Pupo:

"Contra a tropa legal que era de guerra dedicada a este ofício, e para a guerra armada e municada, vinda de várias regiões do país, Tobias de Aguiar juntou civis, políticos liberais, gente do trabalho apenas adestrada no manuseio de armas de caça, pais de família reunidos para ocupar a capital da província e depor o presidente, o que procurara fazer num lento movimento fracassado nos planos de ocupá-la por forças da Freguesia do Ó, o que permitiu ao governo anteceder-se no domínio da cidade de São Paulo; com esta antecipação das forças governamentais, estava anulada a revolução dos liberais paulistas.

Ainda com os mais sólidos fundamentos para ação bélica, não se pode deixar de considerar a exacerbação de ânimos dos políticos e as soluções extremadas a que se entregaram, quando a prudência melhor aconselharia uma ação político-parlamentar vigorosa. Mas, escolhida por Tobias de Aguiar a ação revolucionária, cedo se convenceu ele da impossibilidade de sua vitória e passou, de ordem enérgica para se organizar a força de Campinas que teria de atacar São Paulo sob o comando dos irmãos Francisco e Luciano Teixeira Nogueira e de Antonio Rodrigues de Almeida, a retroceder para determinar apenas a defensiva. Assim mesmo com o ânimo dos chefes campinenses cujo cabeça, Antonio Manuel Teixeira, estava seguro de ocupar Campinas, sua tropa, cujo aspecto geral bem se harmonizava com o das demais tropas revoltosas, sofria limitação por ordem do mais alto comando, prudente por vê-la débil, como dizia Tobias em 7 de junho comunicando-se com Feijó.

Haviam os revolucionários se alojado no engenho da Lagoa, ou sítio do Teodoro, ou Venda Grande como dizia o vulgo. Aguardando reforços, receberam de Itu um pequeno contingente sob o comando do capitão Boaventura do Amaral Camargo que, sendo oficial de artilharia, tratou de se utilizar das duas peças que Antonio Manuel Teixeira havia trazido do seu engenho da Cachoeira. Com os homens vindos de Itu, veio também uma pecinha de artilharia imprestável, que ainda descancava no carro, quando os caçadores de Bezerra a encontraram na Venda Grande.

Quem estuda o mapa da região dos engenhos da Lagoa e do Chapadão, pode reconstituir o ataque desfechado de surpresa e a defesa precária que foi possível organizar. A estrada Campinas-Limeira, entrando nos terrenos do Chapadão, defletia para a esquerda em busca da sede deste engenho pelo qual passava, indo depois procurar o leito da atual Estrada dos Amarais, o que justifica a abertura de trincheiras em terras do Chapadão, ainda conservadas cuidadosamente pela unidade do Exército sediada nesta histórica fazenda. Estas trincheiras, evidentemente, destinavam-se à defesa contra tropas que marchassem pela estrada, único meio normal de alcançar, de Campinas, o solar da Lagoa. Mas a estratégia militar simulou um ataque de cavalaria por esta estrada e transpondo as trincheiras desguarnecidas, surgiu no alto do pasto, enquanto os fuzileiros, através do engenho do Monjolinho,



no qual não faltavam guias e informantes dedicados que teriam conduzido as forças legais, aproximaram-se do sobrado da Lagoa pelo flanco, escondidos na macega e surpreenderam os revoltosos com saraivadas de balas de fuzil de longo alcance”.

Excusas pela longa citação, mas ela nos parece a mais indicada para o conhecimento das circunstâncias em que se desenrolou o combate de Venda Grande. Note-se que o nome popular “Venda Grande”, com que era designado o Engenho da Lagoa ou sobrado da Lagoa, foi o que permaneceu nas páginas de nossa história. E convém que ele não desapareça. Seria o caso de solicitar-se à municipalidade que dê ao bairro que ali se está formando o nome de “Venda Grande”, o qual também poderia figurar nos ônibus que o servem.

Ao contrário do que comumente se afirma, Caxias nunca esteve em Campinas, não tendo, pois, estado presente ao episódio final da luta. O grande cabo de guerra, então no início de sua brilhante carreira (tinha, na época, o título de Barão) viera a São Paulo mandado especialmente para dominar a chamada “revolução liberal”, mas permanecera na capital da província, sendo as tropas imperiais, em Campinas, comandadas pelo coronel Amorim Bezerra.

No local do combate, foram os mortos enterrados provisoriamente, até que, depois, pudesse ser dado aos seus corpos local mais condigno. Ninguém, ao que parece, ficou sepultado na Venda Grande. Todavia a crença popular continua atribuindo ao local caráter de cemitério, e é justamente pelo nome de “cemitério da guerra” que o povo do bairro identifica o local onde o marco do Centro de Ciências foi erigido, e no qual, frequentemente, são acesas velas e colocadas imagens toscas, como se cemitério fosse.

Durante o Congresso de História que se realizou em Campinas em julho do ano passado, pretendíamos organizar uma visita ao histórico local. Todavia, passando por ele dias antes certificamo-nos de que nada teríamos a mostrar, a não ser o pequeno cômodo, onde se ergue o marco do Centro de Ciências, quase totalmente coberto pelo mato. Em palestra pública, realizada no Seminário promovido pelo SESC, denunciámos esta situação de abandono. Dias depois, o Senhor Prefeito, que nos distinguira com sua presença na aludida palestra, declarou, também de público, que iria tomar as providências necessárias para complementar a urbanização do local. Esperamos, portanto, que o Cidadão Lauro Péricles Gonçalves, passando das palavras aos atos, possa dar a Campinas, em breve, mais um ponto de interesse histórico para mostrar aos visitantes. Mas, como dissemos de início, convém que a inscrição do marco seja complementada. Algo mais ou menos assim: “Venda Grande Neste local, a 7 de junho de 1842, as tropas imperiais infligiram a derrota final aos revoltosos da revolução liberal que, naquele ano, ocorreu na província de São Paulo” E a pracinha a ser formada no local, não poderá ter outro nome senão “Venda Grande”.